

## **RELAÇÕES DE GÊNERO E LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA: UMA ABORDAGEM POSSÍVEL?**

**Gender relations and book of history teaching: an approach possible?**

**Relaciones de género y el libro de enseñanza de historia: un enfoque posible?**

Jackson James Debona<sup>1</sup>

Renilson Rosa Ribeiro<sup>2</sup>

---

### **Resumo**

O presente artigo tem como objetivo apresentar o estudo acerca de um exemplar da coleção “História Sociedade & Cidadania”, livro didático de história do Ensino Fundamental – utilizado neste trabalho como fonte – do autor Alfredo Boulos Júnior no que tange a forma pela qual são abordadas as relações de gênero, considerando-se o livro didático como um importante veículo portador de um sistema de valores de uma cultura e instrumento de trabalho significativo para os professores. A metodologia utilizada consiste no exame material da fonte selecionada, abordando duas seções que integram regularmente as unidades de conteúdo, bem como pesquisa bibliográfica utilizando textos que discutem questões diversas com relação ao temário Gênero, Feminismo e História. Ao mapear as fontes, concluiu-se que as questões ligadas à abordagem de gênero foram silenciadas nos textos examinados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero. Livro didático. História.

---

### **Abstract**

This article aims to present the study about a copy of the collection "História Sociedade & Cidadania", history didactic book of Elementary School – used in this work as a source – the author Alfred Boulos Junior regarding the way in which gender relations are addressed, considering the didactic book as an important carrier of a value system of a culture and an instrument of meaningful work for teachers. The methodology used consists of the substantive examination of the selected font by addressing two sections that integrate content units regularly, as well as bibliographic research using texts that discuss various issues in relation to gender, Feminism and history agenda. When mapping the sources, it is concluded that the issues of gender approach were silenced in the texts examined.

---

**KEYWORDS:** Gender. Didactic books. History.

---

<sup>1</sup> Mestrando em História do Programa de Pós-Graduação em História – UFMT, Bolsista CAPES. E-mail: jacksondebona@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor adjunto III do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História – UFMT, Coordenação de gestão de processos educacionais do PIBID/CAPES/UFMT. E-mail: rrenilson@yahoo.com

## Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar el estudio en una copia de la colección "Historia Sociedad y Ciudadanía", libro de texto de primaria Historia School - utilizado en este trabajo como una fuente - el autor Alfredo Júnior Boulos con respecto a la forma en que se abordan las relaciones de género, teniendo en cuenta el libro de texto como un vehículo portador importante de un sistema de valores de una cultura y una herramienta de trabajo importante para los profesores. La metodología consiste en el material de examen de la fuente seleccionada, abordando dos secciones integran regularmente unidades de contenido, así como la búsqueda de la literatura utilizando textos que tratan sobre diversos temas relacionados con la agenda de género, feminismo e Historia. Mediante la cartografía de las fuentes, se concluyó que las cuestiones de enfoque de género fueron silenciados en los textos examinados.

---

**PALABRAS CLAVE:** Género. Libro de texto. Historia.

## INTRODUÇÃO

### Uma questão sempre sensível

A discussão acerca das relações de gênero é de valor inexorável e elementar, pois influencia a construção de um arcabouço cultural de gerações contribuindo significativamente em relação às formas de compreensão da sociedade e das relações que perpassam a ela. No ambiente escolar, local onde necessariamente os indivíduos passam uma parte significativa do seu tempo nos primeiros anos de vida, os aprendizados ali constituídos deveriam configurar-se como verdadeiras “lições para a vida”, o que nem sempre ocorre, ora por falta de condições de trabalho pedagógicas (materiais de apoio), ora por condições humanas (falta de formação de profissionais que abordem o tema com propriedade, estímulo ao estudo das abordagens relacionadas, dentre outras). Acrescente-se ainda a ausência de políticas públicas que forneçam cursos de formação inicial ou continuada, aos docentes das mais diversas áreas para tratar do tema em questão.

Em virtude de preocupações desta natureza, relacionadas ao ensino da disciplina de História, o presente artigo apresenta algumas possibilidades interpretativas da questão problema<sup>3</sup>. Para as análises propostas consideramos que o Livro Didático é importante aliado

---

<sup>3</sup> A discussão que deu origem a este artigo nasceu ao longo do curso de “Feminismo e Memórias” ministrado pela docente Ana Maria Marques, no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, entre os meses de março e junho de 2013. Partes dessas reflexões foram apresentadas no II

nas relações de ensino e aprendizagem que se processam naquele ambiente, sem, no entanto deixar de considerar a ressalva proposta deixada por Choppin (2004):

O livro didático não é, no entanto, o único instrumento que faz parte da educação da juventude: a coexistência (e utilização efetiva) no interior do universo escolar de instrumentos de ensino-aprendizagem que estabelecem com o livro relações de concorrência ou de complementaridade influi necessariamente em suas funções e usos. Estes outros materiais didáticos podem fazer parte do universo dos textos impressos (quadros ou mapas de parede, mapas mundi, diários de férias, coleções de imagens, “livros de prêmio” – livros apresentados em cerimônias de final de ano aos alunos exemplares – enciclopédias escolares...) ou são produzidos em outros suportes (audiovisuais, softwares didáticos, CD-Rom, internet, etc.). Eles podem, até mesmo, ser funcionalmente indissociáveis, assim como as fitas cassete e os vídeos, nos métodos de aprendizagem de línguas. O livro didático, em tais situações, não tem mais existência independente, mas torna-se um elemento constitutivo de um conjunto multimídia (CHOPPIN, 2004, p. 553).

Dentro deste contexto, objetiva-se apresentar mapeamento e análise realizados em um volume de livro didático de história do sexto ano do Ensino Fundamental, a saber, “História Sociedade & Cidadania”, no que tange a identificação e possibilidade de discussão do temário relativo às abordagens de relações de Gênero, a partir dos conteúdos enunciados nesse exemplar.

No entanto, devemos de antemão nos preocupar com o delineamento da compreensão teórica conceitual sobre as relações de gênero. De acordo com Soihet; Pedro (2007):

Em seu sentido original, gênero é o fenômeno da presença em algumas línguas (por exemplo, as indo-européias) de desinência diferenciadas para designar indivíduos de sexos diferentes ou ainda coisas sexuadas. Gênero, nas ciências sociais, tomou outra conotação, e significa a distinção entre atributos culturais alocados a cada um dos sexos e a dimensão biológica dos seres humanos. O grande impacto que vem produzindo nas análises sociais funda-se em ter chamado a atenção para o fato de que uma parte da humanidade estava na invisibilidade – as mulheres -, e seu uso assinala que tanto elas quanto os homens são produto do meio social, e, portanto, sua condição é variável (SOIHET; PEDRO, 2007, p. 288).

Referência importante nos estudos sobre as questões de gênero, Joan Scott apresenta alguns dos problemas mais comuns referentes ao uso e compreensão desse conceito:

No seu uso mais recente, o “gênero” parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O gênero sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas das feminilidades. As que estavam mais preocupadas com o fato de que a produção dos estudos femininos centrava-se sobre as mulheres de forma muito estreita e isolada,

---

EHECO - Encontro de História da Educação do Centro-Oeste, que ocorreu na cidade de Dourados, entre os dias 29 de outubro de 01 de novembro de 2013.

utilizaram o termo “gênero” para introduzir uma noção relacional no nosso vocabulário analítico. Segundo esta opinião, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de qualquer um poderia existir através de estudo inteiramente separado (SCOTT, 1995, p. 72).

Esta mesma autora, quando se refere ao trabalho dos historiadores e da aplicação do conceito de gênero destaca que:

Na sua maioria, as tentativas das/os historiadoras/es de teorizar sobre gênero não fugiram dos quadros tradicionais das ciências sociais: elas/es utilizaram as formulações antigas que propõem explicações causais universais. Estas teorias tiveram, no melhor dos casos, um caráter limitado porque elas tendem a incluir generalizações redutoras ou simples demais: estas minam não só o sentido da complexidade da causalidade social tal qual proposta pela história como disciplina, mas também o engajamento feminista na elaboração de análises que levam à mudança. [...] As abordagens utilizadas pela maioria dos/as historiadores/as se dividem em duas categorias distintas. A primeira é essencialmente descritiva, isto é, ela se refere à existência de fenômenos ou realidades sem interpretar, explicar ou atribuir uma causalidade. O segundo uso é de ordem causal, ele elabora teorias sobre a natureza dos fenômenos e das realidades, buscando entender como e porque aqueles tomam a forma que eles têm. No seu uso recente mais simples, “gênero” é sinônimo de “mulheres”. Livros e artigos de todo o tipo, que tinham como tema a história das mulheres substituíram durante os últimos anos nos seus títulos o termo de “mulheres” pelo termo de “gênero”. [...] O gênero parece integrar-se na terminologia científica das ciências sociais e, por consequência, dissociar-se da política – (pretensamente escandalosa) – do feminismo. Neste uso, o termo gênero não implica necessariamente na tomada de posição sobre a desigualdade ou o poder, nem mesmo designa a parte lesada (e até agora invisível). Enquanto o termo “história das mulheres” revela a sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais), que as mulheres são sujeitos históricos legítimos, o “gênero” inclui as mulheres sem as nomear, e parece assim não se constituir em uma ameaça crítica. Este uso do “gênero” é um aspecto que a gente poderia chamar de procura de uma legitimidade acadêmica pelos estudos feministas nos anos 1980 (SCOTT, 1995, p. 74-75).

Face ao exposto, pensar a relação de gênero no livro didático de história é trilhar por um caminho ao mesmo tempo tenso e tênue, pois:

Não é demais afirmar que os principais pontos da crítica feminista à ciência incidem na denuncia de seu caráter particularista, ideológico, racista e sexista: o saber ocidental opera no interior da lógica da identidade, valendo-se de categorias reflexivas, incapazes de pensar a diferença. Em outras palavras, atacam as feministas, os conceitos com que trabalham as ciências humanas são identitários e, portanto, excludentes. Pensa-se a partir de um conceito universal de homem, que remete ao branco-heterossexual-civilizado-do-Primeiro-Mundo, deixando-se de lado todos aqueles que escapam deste modelo de referência. Da mesma forma, as práticas masculinas são mais valorizadas e hierarquizadas em relação às femininas, o mundo privado sendo considerado de menor importância frente à esfera pública, no imaginário ocidental (RAGO, 1998, p. 4).

Nesta perspectiva, não se pretende reproduzir, nas análises, um discurso de vitimização entre as relações de gênero, mas buscar, ponderadamente, identificar e apontar em um dos livros didáticos utilizados para o ensino de História, a ausência ou a presença de um discurso que demarca espaços sociais para homens e mulheres, que institui e avalia, ainda que nas entrelinhas, práticas culturais como sendo resultantes de conquistas de uma ou outra classe social, étnica e sexual, ou como destaca Venson (2010, p. 245): “A preocupação aqui não é mostrar supostas más intenções que se escondem nas entrelinhas, afinal, está tudo à mostra, mas tentar mostrar a complexidade discursiva que compõem o problema”.

Ainda com base na abordagem teórica anunciada, não há pretensão de elaborar ou revisitar uma ‘história das mulheres’ já que as relações de gênero não são pensadas tendo como personagem única e exclusivamente a mulher. Ao contrário, objetiva-se fornecer subsídios pensar a história – área de conhecimento - como elemento favorável para perpetuar um discurso – dominante ou dominador - e perceber no uso dos materiais para proceder ao seu ensino, sua importância. De acordo com Circe Bittencourt (1990):

A história, enquanto disciplina escolar, não tem sido ensinada apenas nas aulas específicas destinadas exclusivamente a este saber. Conteúdos históricos estão presentes em aulas de literatura, música, geografia, artes, considerando-se que a história tem permanecido como disciplina escolar exatamente por ser a legitimadora “da tradição nacional, da cultura, das crenças, da arte, do território” (BITTENCOURT, 1990, p. 43, grifos no original).

Percebe-se que a área de conhecimento História, a disciplina de história e o livro didático de história transcendem aos limites aparentes e permeiam o meio sociocultural através da construção de um discurso que se pretende legitimador de uma tradição. Porém, enquanto instrumento importante, o livro didático torna-se um dos meios mais eficazes de assimilação ou contraposição desse discurso.

### **Abordagem de relações de gênero no livro didático de História**

Abordar as relações de gênero no livro didático de história remete a problematizar as formas estabelecidas do conhecimento escolarizado. A expressão classificação/caracterização livro didático é recente na historiografia da educação brasileira. Já o uso de materiais com estas características nem tanto. Qualificados como manuais escolares, manuais didáticos ou,

ainda, manuais pedagógicos, localizam-se referências a materiais elaborados, com características de compêndios e com objetivos de sistematizar conhecimentos em determinadas áreas de saber, utilizando-se de linguagem direcionada àqueles que se dedicavam ao ensino, ou estudos autodidatas, desde o final do século XVIII:

Os manuais didáticos se tornaram instrumentos para auxiliar o professor e, principalmente, para formá-lo de acordo com as novas necessidades postas para a escola, pois expressavam também os valores, os conhecimentos considerados necessários para a formação das crianças e jovens, e, por meio de seus textos e suas imagens, a instituição escolar poderia construir consensos e homogeneidade cultural (VALDEMARIN; PINTO, 2010, p. 168).

Os livros didáticos, na abordagem teórica e metodológica inseridas na história do livro e da leitura (CHARTIER, 1990) e das disciplinas escolares (CHERVEL, 1990) são considerados um depositário dos conteúdos escolares, suporte básico e sistematizador privilegiado dos conteúdos apresentados pelos programas curriculares das diferentes disciplinas escolares; é por intermédio dele, dentre outros meios, que são passados os conhecimentos e técnicas consideradas fundamentais de uma sociedade em determinada época. Para Décio Gatti Júnior:

os livros didáticos são, incontestavelmente, instrumentos privilegiados no cenário educacional brasileiro e internacional, pois são eles que, verdadeiramente, “estabelecem grande parte das condições materiais para o ensino e aprendizagem nas salas de aula de muitos países através do mundo (GATTI JÚNIOR, 2004, p. 27).

Eles também constituem um “instrumento pedagógico”, uma vez que produzem uma série de técnicas de aprendizagem – exercícios, questionários, sugestões de trabalho, enfim as tarefas que os alunos devem desempenhar para a apreensão ou, na maior parte das vezes para a retenção dos conteúdos. Dessa forma, segundo a autora Bittencourt, 1998, p. 71) “os livros didáticos apresentam não somente os conteúdos das disciplinas, mas também como esse conteúdo deve, na visão dos seus produtores, ser ensinado”.

Ainda segundo autora Bittencourt (1998):

o livro didático é um importante *veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura*. Várias pesquisas demonstram como textos e ilustrações de obras didáticas transmitem estereótipos e valores dos grupos dominantes, generalizando temas, como família, criança, etnia, de acordo com os preceitos da sociedade burguesa (BITTENCOURT, 1998, p. 72).

E, por fim, o livro didático apresenta-se como um importante veículo portador de um sistema de valores, de uma cultura. É percebido nele a construção de imagens e interpretações sobre o mundo que se procura representar. Na perspectiva de Carla Bassanezi Pinsky, em seu estudo sobre o uso dos gêneros em sala de aula, observa-se que as mesmas relações de poder que se processam em torno das figuras consolidadas, se refletem em materiais didáticos desta natureza (PINSKY, 2010).

Para dar conta da compreensão do objeto livro didático, por exemplo, há uma exigência de análises ligadas, de um lado, a educação e ao ensino e, de outro, a História e ao discurso historiográfico. Estas preocupações, de acordo com os interesses e perguntas do profissional da História, têm aberto caminhos para diferentes recortes e perspectivas de investigação.

Perguntas, recortes, escolhas, documentos são instrumentos que auxiliam o historiador do ensino de História nas suas peregrinações pelo mundo do saber histórico escolar. Nas pesquisas que se têm se debruçado sobre a análise do cotidiano escolar, a utilização do texto didático continua sendo um elemento central, merecedor de estudos mais aprofundados, que permitam a compreensão das questões relativas a ele (GASPARELLO, 2004).

A amplitude de temas e problematizações que podem ser formulados têm transformado este objeto polêmico e complexo, com perspectivas de análise diversas, envolvendo diferentes áreas do saber. Thais Nívia de Lima e Fonseca, no final dos anos 1990, já anunciava com imensa satisfação a força que este movimento de pesquisa ganhava no meio acadêmico brasileiro, especialmente no ofício dos historiadores:

Tenho visto, com prazer, a emergência do livro didático de História como fonte de pesquisa em muitos trabalhos recentes no Brasil. Nesta perspectiva, ele extrapola sua condição primordial – a de um manual útil ao ensino de disciplina – e alcança o caráter de documento, lado a lado com aqueles mais tradicionais ou mais prestigiados. Não posso deixar de relacionar este fato aos avanços da historiografia brasileira contemporânea, que tem ampliado sobremaneira o espectro das fontes de investigação, seu tratamento e sua interpretação. É o resultado, sem dúvida, da incorporação de novas abordagens e novos pressupostos teórico-metodológicos nas últimas décadas. Neste processo, o livro didático tem sido interrogado num esforço de desconstrução de discursos e de imagens, criando-se possibilidades de discussão que permitem a compreensão de sua historicidade (FONSECA, 1999, p. 203).

Corroborando esse pensamento, em outra obra, a mesma autora pontua a importância do livro didático como instrumento de consolidação da memória (FONSECA, 2003). A sua

responsabilidade como fundador de um discurso autorizado, que consolida práticas e institui representações (CHARTIER, 1990; 1991) torna esse material importante aliado na configuração de saberes nacionais.

Face ao exposto, trabalhar com o livro didático de história como fonte é proporcionar múltiplas possibilidades de abordagem. Na presente proposta, o exame das fontes será orientado tendo em vista a necessidade de compreender os livros didáticos para além dos conteúdos explícitos em suas páginas, bem como proceder à localização de referências, menções e abordagens que sinalizem a presença de questões ligadas as relações de gênero na fonte selecionada. A proposta de trabalho assentou-se, igualmente, em pesquisas bibliográficas, visando à compreensão do temário em questão, fornecendo subsídios para as análises e produção de conhecimento.

A possibilidade de estudo evidenciada neste artigo parte do exame do livro didático de história do sexto ano (6º ano) do Ensino Fundamental da Coleção “História Sociedade & Cidadania” de autoria de Alfredo Boulos Júnior, produzido pela Editora FTD S.A., no ano de 2009 e que integra uma das coleções avaliadas e recomendada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), desde o ano de 2008<sup>4</sup>. Importante ressaltar que a escola que não efetuar a escolha dentro do período, receberá um dos títulos aprovados, constantes no guia, para cada componente curricular, conforme critérios de alocação definidos pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

A fonte utilizada para o estudo é o exemplar utilizado para o ensino de história no sexto ano, em especial, e está vinculada a percepção de um fator importante do desenvolvimento cognitivo do discente: é nessa faixa etária entre os 11 e 12 anos, em termos de seriação ideal, que as crianças começam a compreender de modo mais efetivo e classificatório questões ligadas às relações de gênero.

No que concerne à materialidade da obra, esta se apresenta e, formato que mede 20,5cm na horizontal por 27,3cm na vertical, contendo 304 páginas amplamente ilustradas. Destaca-se que o exemplar examinado é parte integrante do Manual do Professor contendo, nas páginas

---

<sup>4</sup> A escolha desta coleção deve-se ao fato do material integrar o corpus documental a ser analisado para elaboração da dissertação de mestrado, em curso – de Jackson James Debona, sob o título provisório de “Entre o regional e o nacional: Mato Grosso nos livros didáticos de História – PNLD 2008”, embora o enfoque seja em questões ligadas ao Estado de Mato Grosso do Sul.

finais, instruções e sugestões de uso e abordagem dos conteúdos<sup>5</sup>. A capa frontal traz o nome da coleção, identificação do autor, código de inscrição do Programa Nacional do Livro Didático, logomarca da Editora FTD S.A., uma foto ilustrativa da “Civilização Chinesa” (Guerreiros de Xian, em Terracota, cerca de 246 a.C.) e a seriação correspondente ao ensino que se destina: sexto ano do Ensino fundamental. A capa do verso contém o Hino Nacional.

Na sua composição interna o exemplar apresenta o nome da coleção e o currículo resumido do autor<sup>6</sup>. O conteúdo é apresentado no sumário, dispostos em 05 unidades: cada unidade é organizada em capítulos, contendo 15 capítulos. Cada capítulo é organizado em seções fixas: ‘Conteúdo’, ‘Dialogando’, ‘Para Refletir’, ‘Para saber mais’, ‘Atividades’, ‘Atividades de aprofundamento’, ‘A imagem como fonte’, ‘O texto como fonte’, ‘Questões’ e seção de ‘Sugestão a livros, sites e filmes’. O livro possui inúmeras imagens correspondentes a cada assunto, com boa qualidade visual e que, em termos composição interna do livro, ocupam maior espaço que os conteúdos textuais.

Seria anacrônico, procurar abordagens que remetam às relações de gêneros desde a “Pré-História até as Civilizações do Ocidente: Roma Antiga”, conteúdo majoritariamente tratado no exemplar do sexto ano, além de demandar um período de estudo e exame mais alongado e um complexo esforço teórico e domínio da História. Nesse sentido, lançando um olhar mais contido - mas comprometido com a proposta de apontar e descrever as relações de gênero no livro didático de história do sexto ano -, duas seções do livro nos chamaram a atenção “A imagem como fonte” e a “O texto como fonte”, e foram selecionadas para compor o *corpus* material para a escrita deste artigo.

Desse modo, para dar visibilidade aos temas e à forma de organização das seções acima citadas, apresentam-se dois quadros temáticos que dão visibilidade aos conteúdos:

**Quadro 1** Síntese das abordagens da seção “IMAGEM COMO FONTE”

| Unidade de Conteúdo | Descrição da Abordagem | Apresenta Enfoque em Relações de Gênero |     | Enfoque |
|---------------------|------------------------|---|-----|---------|
|                     |                        | Sim                                     | Não |         |
|                     |                        |   |     |         |

<sup>5</sup> As orientações dadas aos professores sobre os modos de proceder em relação aos conteúdos não são parte integrante das discussões realizadas por este artigo, oportunizando estudos futuros.

<sup>6</sup> O autor Alfredo Boulos Júnior é mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), Doutor em educação pela PUC-SP, Lecionou no ensino fundamental da rede pública e particular e em cursinhos pré-vestibulares. É autor das Coleções “Construindo Nossa Memória” e “O sabor da História”. Assessorou a Diretoria Técnica da Fundação para o Desenvolvimento da Educação – São Paulo.

|   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|
| Capítulo 1º<br><b><i>História e Fontes Históricas</i></b>           | A foto mostra estudantes (meninos) recepcionando o professor em uma escola católica no Japão em meados da década de 1950.   | X |   | Situação envolvendo crianças e adultos ambos do sexo masculino. |
| Capítulo 2º<br><b><i>Cultura e Tempo</i></b>                        | A figura mostrada nesse capítulo é de uma ampulheta.  |   | X |   |
| Capítulo 3º<br><b><i>Sobre a Origem do ser Humano</i></b>           | Fotografia de um esqueleto de tiranossauro, exposto no Chicago' Field Museum.   |   | X |   |
| Capítulo 4º<br><b><i>Os primeiros povoadores da Terra</i></b>       | Fotografia de uma égua prenhe das cavernas de Lascaux.  |   | X |   |
| Capítulo 5º<br><b><i>A Pré-História Brasileira</i></b>              | Imagens mostram desenhos de pessoas e animais encontrados em cavernas e grutas do Parque Nacional da serra da Capivara.   |   | X |   |
| Capítulo 6º <b><i>Mesopotâmia</i></b>                               | A imagem que vemos é a caixa de Ur que contém cenas do cotidiano dos habitantes da mesopotâmia.   | X |   | Situação que retrata as relações culturais de um povo.          |
| Capítulo 7º<br><b><i>Egito</i></b>                                  | Fotografias do templo de Abu Simbel.  |   | X |   |
| Capítulo 8º<br><b><i>Núbia e o Reino de Kush</i></b>                | O objeto fotografado é um vestígio da civilização núbia   |   | X |   |
| Capítulo 9º <b><i>Hebreus, Fenícios e Persas</i></b>                | A imagem representa a menorá, o candelabro de sete braços.  |   | X |   |
| Capítulo 10º<br><b><i>China</i></b>                                 | Sítio arqueológico de Guerreiro de terracota em tamanho natural.  |   | X |   |
| Capítulo 11º<br><b><i>O mundo grego e a democracia</i></b>          | Esta figura, de Mozart Couto, mostra uma falange de guerreiro em ação.  | X |   | Situação envolvendo Homens.                                     |
| Capítulo 12º<br><b><i>A cultura grega</i></b>                       | A primeira imagem é um detalhe de uma pintura no vaso que representa a preparação de um drama satírico grego 410 a.C. E a segunda imagem é a fotografia da cena de uma peça grega nos dias de hoje. | X |   | Situação envolvendo adultos do sexo feminino e masculino.       |
| Capítulo 13º<br><b><i>Roma Antiga</i></b>                           | A foto mostra um relevo em mármore datado do século I a. C.   |   | X |   |
| Capítulo 14º<br><b><i>O Império Romano</i></b>                      | A imagem reproduz parte de um mosaico do século II.   |   | X |   |
| Capítulo 15º<br><b><i>A crise de Roma e o Império Bizantino</i></b> | Imagem da Igreja de Santa Sofia localizada em Istambul  |   | X |   |

**Fonte:** BOULOS JÚNIOR, Alfredo. *História: Sociedade & Cidadania*. Ensino fundamental. 6º ano. São Paulo: FTD. Nova Edição, 2009. (Coleção História: Sociedade & Cidadania)

Como podemos notar no Quadro 1 “A imagem como fonte”, as situações que envolvem relações de gênero são relativamente poucas ao pensar o livro didático de história do sexto ano, pelo seu volume e importância na educação de uma sala heterogênea, com alunos com muitas dúvidas e ansiedade no processo de aprendizagem. O livro está dividido em quinze capítulos, em cada capítulo consta a seção “A imagem como fonte” e como é possível verificar, dada à importância do tema abordado nesse artigo, o quadro acima demonstra que questões relativas às relações de gênero são tratadas em apenas quatro seções, significando certa carência no tratamento desta abordagem temática.

**Quadro 2** - Síntese das abordagens da seção “O TEXTO COMO FONTE”

| Unidade de Conteúdo                                    | Descrição da Abordagem  | Apresenta Enfoque em Relações de Gênero |     | Enfoque   |
|--|---|---|-----|---|
|  |   | Sim                                     | Não |   |
| Capítulo 1º<br><i>História e Fontes Históricas</i>     | Lei nº 10639, de 9 de janeiro de 2003. Torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira.            | X                                       |     | Situação que retrata a história e cultura distinta. |
| Capítulo 2º<br><i>Cultura e Tempo</i>                  | O texto a seguir, nos ajuda a compreender o que é cultura em seu sentido material e imaterial.                            |   | X   |   |
| Capítulo 3º<br><i>Sobre a Origem do ser Humano</i>     | Declaração universal dos direitos dos animais.  |   | X   |   |
| Capítulo 4º<br><i>Os primeiros povoadores da Terra</i> | O texto trata de um mito do povo iorubá que habita a Nigéria.   |   | X   |   |
| Capítulo 5º<br><i>A Pré-História Brasileira</i>        | O texto descreve como era feita a escolha da moradia pelas primeiras populações que habitaram o continente Americano.     |   | X   |   |
| Capítulo 6º <i>Mesopotâmia</i>                         | O texto refere-se ao poderoso rei babilônico que criou o conhecido Código de Hamurábi, para estabelecer condutas sociais. | X                                       |     | Situação que envolve relações sociais históricas.   |
| Capítulo 7º<br><i>Egito</i>                            | O texto desta seção descreve alguns aspectos da   | X                                       |     | Situação que envolve relações sociais               |

|  |   |   |   |   |
|--|---|---|---|---|
|  | vida cotidiana dos antigos egípcios.  |   |   | históricas.                                       |
| Capítulo 8º<br><i>Núbia e o Reino de Kush</i>                | O texto refere-se sobre a mulher na África antiga [O matriarcado].  | X |   | Situações que envolvem mulheres.                  |
| Capítulo 9º<br><i>Hebreus, Fenícios e Persas</i>             | O poema é atribuído ao rei Salomão. Descreve sobre o amor dos moços e moças e sua amada.  | X |   | Situação que envolve relações sociais históricas. |
| Capítulo 10º<br><i>China</i>                                 | O texto desta seção descreve a história data de 213 a. C. onde o imperador chinês Huang Ti ordenou a queima de inúmeros livros. |   | X |   |
| Capítulo 11º<br><i>O mundo grego e a democracia</i>          | Texto que retrata o discurso de Péricles (495-429) sobre a democracia ateniense.  | X |   | Situação que envolve relações sociais históricas. |
| Capítulo 12º<br><i>A cultura grega</i>                       | O texto desta seção é uma fábula atribuída a Esopo (A tartaruga e a lebre).   |   | X |   |
| Capítulo 13º<br><i>Roma Antiga</i>                           | O texto é do romano Cícero (106-43 a. C). Tudo vale em busca do voto.   | X |   | Situação que envolve relações sociais históricas. |
| Capítulo 14º<br><i>O Império Romano</i>                      | O texto desta seção é o Sermão da Montanha que é considerado uma síntese dos ensinamentos de Jesus.                             | X |   | Situação que envolve relações sociais históricas. |
| Capítulo 15º<br><i>A crise de Roma e o Império Bizantino</i> | O texto desta seção refere-se ao casamento e a família no império Bizantino.  | X |   | Situação que envolve relações sociais históricas. |

**Fonte:** BOULOS JÚNIOR, Alfredo. *História: Sociedade & Cidadania*. Ensino fundamental. 6º ano. São Paulo: FTD. Nova Edição, 2009. (Coleção História: Sociedade & Cidadania)

O mapeamento realizado da seção “O texto como fonte” apresenta-se distinto àquele demonstrado no primeiro quadro “A imagem como fonte”. Dentro da mesma estrutura de capítulos que corresponde à estrutura do livro didático de história pode-se perceber, no Quadro 2, um maior número de seções que possibilitam realizar discussões sobre as relações de gênero. Das quinze seções existentes no livro, em nove delas foi possível identificar inserções pertinentes ao tema, o que é um número significativo.

É sabido que os conteúdos escolares são regulamentados por normativas de âmbito Federal e Estadual. Na intenção de identificar conteúdos e formas de abordagem que institucionalizem as questões ligadas a relação de gênero a serem trabalhadas no ensino fundamental buscou-se o documento que regulamenta os conteúdos e

competência/habilidades – Referencial Curricular do Estado de Mato Grosso do Sul - para verificar se a preocupação com este temário consta no documento oficial.

O referencial curricular do sexto ano do ensino fundamental contempla, no quadro das competências/habilidades do ensino de história, a organização que se apresenta no Quadro 3 que segue:

**Quadro 3** - Síntese das competências e habilidades previstas para o aprendizado na disciplina de História no sexto ano do Ensino Fundamental

| <b>1º BIMESTRE</b> | <b>COMPETÊNCIAS/HABILIDADES</b>   |
|--------------------|---|
|                    | <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Relacionar a importância das fontes para a escrita da história.</li> <li>✓ Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes e documentos, destacando sua importância na construção dos fatos históricos.</li> <li>✓ Comparar as relações sociais, econômicas e culturais dos povos primitivos.</li> <li>✓ Compreender a forma de comunicação dos povos primitivos.</li> <li>✓ Relacionar o surgimento das transformações que ocorrem no Neolítico com a sedentarização e o aparecimento das cidades.</li> <li>✓ Reconhecer os sítios arqueológicos encontrados no Estado do Mato Grosso do Sul.</li> </ul> |
| <b>2º BIMESTRE</b> | <b>COMPETÊNCIAS/HABILIDADES</b>   |
|                    | <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Identificar a região geográfica onde se localizavam as civilizações egípcia e mesopotâmica.</li> <li>✓ Comparar as relações sociais, econômicas, políticas e religiosas dos povos da antiguidade oriental, nos diferentes espaços e tempos.</li> <li>✓ Analisar as semelhanças, as diferenças e as permanências entre os aspectos estudados do mundo antigo oriental.</li> <li>✓ Identificar as principais descobertas que ainda são utilizadas nos dias atuais.</li> <li>✓ Compreender as primeiras rotas marítimas e seu comércio.</li> </ul>  |
| <b>3º BIMESTRE</b> | <b>COMPETÊNCIAS/HABILIDADES</b>   |
|                    | <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Compreender as formas de educação dos povos gregos.</li> <li>✓ Reconhecer o legado grego.</li> <li>✓ Analisar as semelhanças, as diferenças e as permanências entre os aspectos estudados do mundo clássico oriental.</li> <li>✓ Compreender o papel da mulher na sociedade grega.</li> <li>✓ Relacionar cidadania e democracia na organização das sociedades.</li> </ul>  |
| <b>4º BIMESTRE</b> | <b>COMPETÊNCIAS/HABILIDADES</b>   |
|                    | <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Valorizar o legado dos povos da antiguidade clássica.</li> <li>✓ Compreender a fusão das culturas gregas e romanas.</li> <li>✓ Identificar a contribuição da cultura romana na organização das sociedades. Compreender as diferentes formas de política durante o período romano.</li> </ul>   |

**Fonte:** MATO GROSSO DO SUL. Referencial Curricular da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino/MS – Ensino Fundamental. Secretaria de Estado de Mato Grosso do Sul. 2008.

Compilado por: Jackson James Debona, 2013.

Com base no Quadro 3 apresentado acima, – das competências/habilidades - podemos identificar apenas no terceiro bimestre a possibilidade explícita de trabalhar com a abordagem

de relações de gênero, evidenciado na competência “Compreender o papel da mulher na sociedade grega”. Essa abordagem vai ao encontro da crítica estabelecida por Joan Scott (1995), quando afirma que, comumente, o trabalho com as abordagens de gênero foi substituído por aquilo que se chamava história das mulheres.

A partir do mapeamento das seções “A imagem como fonte” e “O texto como fonte”, é possível estabelecer perspectivas de abordagem no ensino, em relação às relações de gênero presentes nos conteúdos dos livros didáticos de História. No entanto, o problema, a nosso ver, consiste na maneira pela qual são apresentadas. Não se pretende discutir o método, tão pouco a corrente historiográfica que orienta a elaboração/concepção dos livros da coleção, mesmo porque não é objetivo deste trabalho, mas importa destacar que os discursos que aparentam uma naturalização nas relações de gênero, nos quais são silenciadas as mulheres, as etnias as minorias e dentre outras que fogem ao padrão de abordagem história que prima pela conscientização de seus aprendizes e investimento na formação cultural, cujo ensino de história é forte alicerce.

De acordo com Guacira Lopes Louro,

A escola não trata de qualquer conhecimento, ela lida, como afirma Jean-Claude Forquin (1993, p. 11), com alguns aspectos da cultura que foram selecionados por serem reconhecidos como podendo ou devendo dar lugar a uma transmissão deliberada e mais ou menos institucionalizada – enfim, aquilo que uma dada sociedade considera digno de integrar o currículo. Portanto, é possível argumentar que, ainda que as agentes do ensino possam ser mulheres, elas se ocupam de um universo marcadamente masculino – não apenas porque as diferentes disciplinas escolares se construíram pela ótica dos homens, mas porque a seleção, a produção e a transmissão dos conhecimentos (os programas, os livros, as estatísticas, os mapas; as questões, as hipóteses e os métodos de investigação “científicos” e válidos; a linguagem e a forma de apresentação dos saberes) são masculinos (LOURO, 1997, p. 89).

Ainda na perspectiva da autora, “O que fica evidente ainda, sem dúvida, é que a escola é atravessada pelos gêneros; é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino.” (LOURO, 1997, p. 89)

Neste sentido, se a instituição Escola é permeada pelos discursos do masculino, o livro didático de história é um dos instrumentos históricos desses discursos, mesmo não citando

relações de gênero, torna-se natural a relação de submissão de uma das partes. Quando há submissão de umas das partes verifica-se a ausência do diálogo e da desconstrução como elemento de transformação.

Face ao exposto, Guacira Lopes Louro complementa:

É preciso, pois, pôr a norma em questão, discutir o centro, duvidar do natural... Mas, não há como negar que a disposição de questionar nosso próprio comportamento e nossas próprias convicções é sempre muito mobilizadora: para que resulte em alguma transformação, tal disposição precisará ser acompanhada da decisão de buscar informações, de discutir e trocar ideias, de ouvir aqueles e aquelas que, histórica e socialmente, foram instituídos como “outros” (LOURO, 1997, p. 141).

Não devemos esquecer que as relações de gêneros são construções essencialmente da espécie Humana e em função dela se constrói a História.

## CONSIDERAÇÕES

De acordo com as leituras oportunizadas e o exame da fonte em questão conclui-se que 'relações de gênero' é tema delicado e que permeia as relações socioculturais seguindo uma tênue linha, por vezes multifacetada e tendenciosa, que ora opera em forma de poder, ora como elemento vitimizante para contrapor-se ou justificar como inferioridade, legitimada pelo discurso dominante em relação ao dominado. No entanto, as discussões sobre gênero buscam desconstruir discursos predeterminados que são assimilados durante a vida escolar e social.

É por esse motivo que, ao escolher a fonte desse artigo - o livro didático, instrumento utilizado na educação de crianças, jovens e adultos -, considerou-se a necessidade de estudos desta natureza, neste e em outros materiais didáticos/pedagógicos serem de tamanha importância para a observação dos discursos sobre relações de gênero. Considera-se ainda de tamanha importância o trabalho dos professores de história no sentido de aparar as arestas deixadas pelo livro didático na abordagem de gênero. No entanto, concordamos com Tardiff (2007), quando afirma que “uma boa parte do que os professores sabem sobre o ensino, sobre os papéis do professor e sobre como ensinar provém de sua própria história de vida, e, sobretudo de sua história de vida escolar” (TARDIFF, 2007, p. 260-61).

Assim sendo, a possibilidade de uma visão sexista reproduzida culturalmente é eminente caso o professor se apegue tão somente ao livro didático. É de importância sem

igual o estudo das abordagens de gênero, pois possibilita ao docente um arcabouço teórico maior que oportuniza e qualifica o trabalho em sala de aula, complementando momentos de ensino e aprendizagem para que os conteúdos possibilitem a reconstrução de um novo discurso que agregue os sujeitos da história de forma coerente e que contribua para retirá-la da opacidade aspectos significativos em relação à importância da mulher e do homem na história.

Em síntese, a necessidade de um olhar reflexivo sobre as relações de gêneros nos livros didáticos de história e de uma formação continuada aos professores faz-se necessária objetivando a constituição de uma sociedade em que as diferenças sejam potencializadas para as mudanças históricas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br>>. Acesso em: 13 jan. 2014.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. *História: Sociedade & Cidadania*. Ensino fundamental. 6º ano. São Paulo: FTD. Nova Edição, 2009. (Coleção História: Sociedade & Cidadania).

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Livros didáticos entre textos e imagens. In: *O saber histórico na sala de aula*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998, p. 69-90.

\_\_\_\_\_. As “tradições” nacionais” e o ritual das festas cívicas. In: PINSKY, Jaime (org.) *O Ensino de história e a criação do fato*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1990, p. 43-72.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Guia de Livros didáticos PNLD: Série/Anos Finais do Ensino Fundamental - História*. Brasília: SEF/MEC, 2008.

CHOPPIN, Allain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 11, n 5, p. 173-191, 1991.

CHERVEL, André, História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*. Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. Livro didático de História: lugar de memória e formador de identidades. In: Simpósio Nacional da Associação Nacional de História (20: 1999: Florianópolis) *História: Fronteiras*. Vol. 01. São Paulo: FFLCH/USP, 1999, p. 203-212.

\_\_\_\_\_. *História & ensino de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GASPARELLO, Arlete Medeiros. *Construtores de identidade: a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira*. São Paulo: Iglu, 2004.

GATTI JÚNIOR, Décio. *A escrita da história: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990)*. Bauru: Edusc, Uberlândia: Edufu, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARTINS, Marcos Lobato. *História Regional*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Novos temas nas aulas de história*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 135-152.

MATO GROSSO DO SUL. *Referencial Curricular da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino/MS – Ensino Fundamental*. Campo Grande: Secretaria de Estado de Mato Grosso do Sul, 2008.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Novos temas nas aulas de história*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 135-152.

RAGO, Margareth. Epistemologia Feminista, Gênero e História. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (orgs.). *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. p. 21-41.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 71-99, jul./dez. 1995.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação do profissional*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

VALDEMARIN, Vera Teresa; PINTO, Adriana Aparecida. Das formas de ensinar e conhecer o mundo: lições de coisas e método de ensino intuitivo na imprensa periódica educacional do século XIX. *Revista Educação em Questões*. Natal, v. 39, n. 25, p. 163-187, set./dez. 2010.

VENSON, Anamaria Marcon. Brasileiras no mercado sexual transnacional. In: FÁVERI, Marlene de; SILVA, Janine Gomes da; PEDRO, Joana Maria. *Prostituição em áreas urbanas: história do Tempo Presente*. Florianópolis: Ed. UDESC, 2010, p. 243-260.

RECEBIDO EM:24/05/2014

APROVADO EM:29/05/2014